

Jucileide da Silva Sobreira

Mestrado em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: jucysobreira@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2471-9365>

RESUMO

Diante da crescente ascensão da vilegiatura marítima, o presente artigo buscou elaborar um diagnóstico socioambiental da orla de Coruripe, situada no Litoral Sul de Alagoas, especialmente, dos povoados Pontal de Coruripe e Lagoa do Pau, assim como identificar o uso e ocupação dos espaços de praia dos referidos povoados. Além da observação simples, utilizou-se de registro fotográfico, caderno de campo e a metodologia proposta no Projeto Orla que visa à realização do diagnóstico paisagístico e socioeconômico de orlas marítimas. Ainda em termos metodológicos, foram aplicados questionários e feitas entrevistas com veranistas, moradores locais e turistas, na perspectiva de entender a dinâmica ambiental, associada ao veraneio como processo e a segunda residência como principal forma geográfica territorializadora das praias de Coruripe. O fenômeno da vilegiatura marítima acarreta repercussões ambientais e territoriais, através das territorialidades variadas e conflitos socioambientais, além de trazer benefícios para a comunidade, principalmente a partir do emprego e renda, serviços e infraestrutura.

Palavras-chave: Veraneio; Orla Marítima; Segunda Residência.

ABSTRACT

In view of the increasing rise of maritime tourism, this article sought to elaborate a socio-environmental diagnosis of the Coruripe waterfront, located on the South Coast of Alagoas, especially of the Pontal de Coruripe and Lagoa do Pau villages, as well as to identify the use and occupation of beach spaces in these villages. In addition to simple observation, a photographic record, field notebook and the methodology proposed in Projeto Orla were used, which aims to carry out the landscape and socioeconomic diagnosis of sea shores. Still in methodological terms, questionnaires were applied and interviews were carried out with vacationers, local residents and tourists, in order to understand the environmental dynamics, associated with summer as a process and the second residence as the main territorial form of territorialization on the beaches of Coruripe. The phenomenon of maritime vacationing has environmental and territorial repercussions, through varied territorialities and socio-environmental conflicts, in addition to bringing benefits to the community, mainly from employment and income and infrastructure services.

Keywords: Summer; Seafront; Second Residence.

RESUMEN:

Ante el creciente auge del turismo marítimo, este artículo buscó elaborar un diagnóstico socioambiental del malecón de Coruripe, ubicado en la Costa Sur de Alagoas, especialmente de las localidades de Pontal de Coruripe y Lagoa do Pau, así como identificar el uso y ocupación de los espacios de playa en estos pueblos. Además de la simple observación, se utilizó registro fotográfico, cuaderno de campo y la metodología propuesta en el Projeto Orla, que tiene como objetivo realizar el diagnóstico paisajístico y socioeconómico de las costas del mar. Aún en términos metodológicos, se aplicaron cuestionarios y se realizaron entrevistas a veraneantes, vecinos y turistas, con el fin de comprender la dinámica ambiental, asociada al veraneo como



proceso y a la segunda residencia como principal forma territorial de territorialización en las playas de Coruribe. El fenómeno de las vacaciones marítimas tiene repercusiones ambientales y territoriales, a través de variadas territorialidades y conflictos socioambientales, además de traer beneficios a la comunidad, principalmente de empleo e ingresos en servicios e infraestructura.

Palabras clave: Veraneo; Paseo Marítimo; Segunda Residencia.

1 INTRODUÇÃO

As orlas do município de Coruribe são bastante procuradas por veranistas, turistas e pelos moradores locais e da própria região. Seus principais atrativos estão associados aos elementos naturais, como praias, rios e lagoas, aos aspectos históricos que remontam ao período colonial, e às características ainda rústicas do lugar.

Diante da crescente ascensão da vilegiatura marítima de Coruribe, o presente artigo buscou elaborar um diagnóstico socioambiental da orla do município, situada no Litoral Sul de Alagoas, especialmente, dos povoados Pontal de Coruribe e Lagoa do Pau, assim como identificar o uso e ocupação dos espaços de praia dos referidos povoados. Num primeiro momento, foi feita uma caracterização socioambiental da área e definidas unidades de paisagem. Em seguida, a discussão girou em torno do papel do veranista na territorialização das praias de Coruribe. Por último, o foco centrou-se nas repercussões ambientais e territoriais do fenômeno da segunda residência na orla local.

Para elaboração do diagnóstico socioambiental utilizou-se de observação simples para identificar os diferentes usos e práticas espaciais desenvolvidas nos locais estudados. Além da observação simples, utilizou-se de registro fotográfico, caderno de campo e a metodologia proposta no Projeto Orla que visa à realização do diagnóstico paisagístico e socioeconômico de orlas no Brasil.

A metodologia proposta no referido projeto leva em conta aspectos físicos para caracterizar as orlas como abrigadas, expostas e semiabrigadas. Ademais, considera critérios de nível de ocupação territorial, que fornece indicativos de condições socioeconômicas, agrupando as orlas em não urbanizadas, em processo de urbanização e com urbanização consolidada (MMA, 2006). Ainda em termos metodológicos, foram aplicados questionários e feitas entrevistas com veranistas, moradores locais e turistas, na perspectiva de entender a dinâmica socioambiental, associada ao veraneio como processo e a segunda residência como principal forma geográfica territorializadora das praias de Coruribe.

Ainda nessa breve introdução, vale ressaltar que a vilegiatura, entendida aqui como sinônimo de veraneio, se confunde com o processo relativamente recente de valorização do espaço litorâneo e se revela como uma das formas de produzir a geografia das praias e das orlas marítimas, nas quais se combinam elementos de natureza física e humana. É nesse cenário territorial complexo, porque ativo, instigante e atual, que o presente trabalho pretende navegar.



2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E AS UNIDADES DE PAISAGEM NA ORLA MARÍTIMA DE CORURIBE

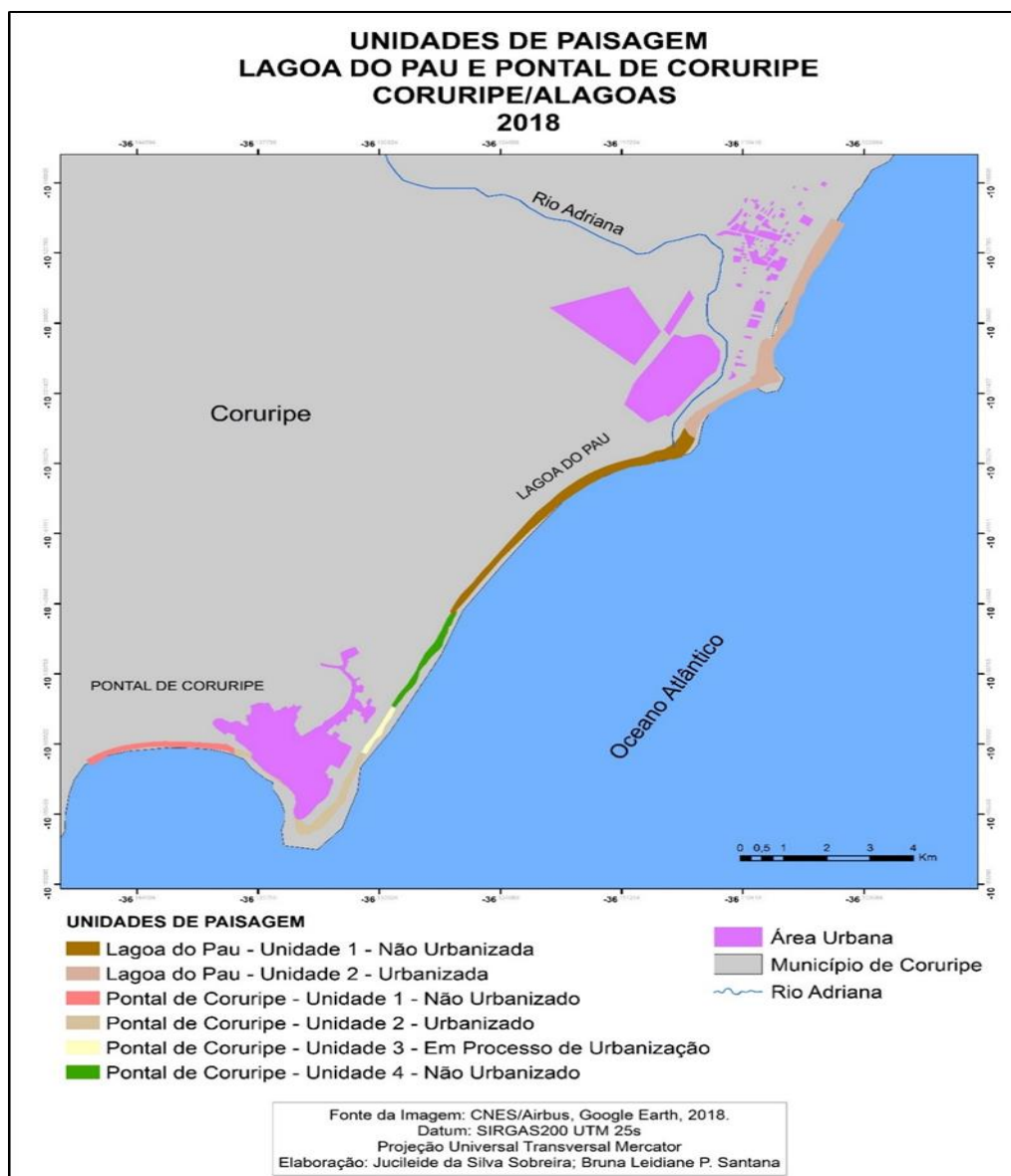
Quanto aos aspectos ambientais, as praias de Coruripe fazem parte da unidade dos tabuleiros costeiros e encontram-se geologicamente inseridas na Província da Borborema. Predomina a vegetação de restinga, o ecossistema de manguezal e a cobertura vegetal típica de ambiente de praia em Alagoas. A mata atlântica apresenta resquícios no âmbito regional e o clima é do tipo tropical chuvoso com verão seco (MASCARENHAS *et al.*, 2005; ARAÚJO *et al.*, 2006).

O litoral de Coruripe, principalmente nos trechos das orlas do Pontal e da Lagoa do Pau, é marcado pela presença de bancos de arenitos paralelos à linha de costa, pelas praias, pelo estuário do rio Adriana, mangues, remanescentes de mata atlântica, várzeas, além das falésias da Formação Barreiras. Segundo Araújo *et al.* (2006), a planície costeira de Alagoas apresenta-se pouco desenvolvida e sua evolução geológica associa-se às flutuações do nível do mar e à disponibilidade de sedimentos. Na maior parte do litoral alagoano a planície costeira é estreita ou inexistente, e as praias são limitadas pelos tabuleiros da Formação Barreiras ou pelas formações mesozoicas da bacia de sedimentação Sergipe-Alagoas.

Para caracterizar os diferentes usos das orlas e os sujeitos envolvidos na dinâmica territorial foi elaborada uma divisão em unidades de paisagem, cuja classificação seguiu critérios de heterogeneidade da ocupação territorial. Segundo o MMA (2006, p. 33), nesse enfoque “trata-se de importante referência para implantação de ações e definições de áreas estratégicas de gestão a serem implementadas, pois identifica as situações que requerem ações mais preventivas ou mais corretivas”.

Para caracterizar o uso da borda marítima do Pontal de Coruripe, foram definidas quatro unidades de paisagem, e para a Lagoa do Pau foram categorizadas somente duas (Figura 1).

As unidades de paisagem do Pontal de Coruripe apresentam características de orlas abrigadas, definidas pelo Projeto Orla (MMA, 2006, p. 31), como “o ambiente litorâneo constituído por golfos, baías, enseadas, estuários ou praia protegidas da incidência direta das ondas”, e semiabrigadas. Para delimitação territorial utilizou-se como ponto limítrofe, da unidade de paisagem 1, a foz rio Coruripe, que divide os povoados Barreiras e Pontal de Coruripe finalizando no “estaleiro”, espaço utilizado para guardar as embarcações pesqueiras.

**Figura 1:** Unidades de paisagem: Pontal de Coruripe e Lagoa do Pau, Coruripe-AL.

Fonte: CNES/Airbus, Google Earth, 2018.

Elaboração: Jucileide da Silva Sobreira; Bruna Lidiane P. Santana/2019.

A unidade 1 do Pontal do Coruripe (Figura 2) é denominada pela população local de praia do Batel, possui uma faixa de praia mais larga e vegetação de restinga preservada. Quanto ao critério de ocupação, encontra-se não urbanizada e caracteriza-se como área de grande relevância ecológica. Foram identificadas atividades de lazer desenvolvidas nessa parte da orla, principalmente nas proximidades do “estaleiro”. É mais utilizada pela comunidade local no desenvolvimento de práticas esportivas em períodos de baixa temporada, e também por pescadores. No período de alta temporada esse espaço é utilizado, sobretudo, pelos hóspedes das pousadas, e pelos demais visitantes.



Figura 2: Unidade de paisagem 1: Pontal de Coruripe, Coruripe-AL.



Fonte: Jucileide da Silva Sobreira/2019.

Ainda no Pontal do Coruripe, a unidade 2 se inicia no muro de contenção marinha limitando a faixa de praia, e apresenta urbanização consolidada. Esse espaço é caracterizado pela presença das casas de veraneio e infraestrutura de serviço receptivo. Área com pouco espaço de praia, mas onde se desenvolve atividades de pesca e práticas de banhos, limitados ao período de maré baixa. Esse espaço é utilizado por diferentes sujeitos, como turistas, veranistas, vendedores ambulantes, moradores locais e pescadores. Igualmente, é onde se localizam os bares, restaurantes e a maioria das casas de veraneio. Vale ressaltar que nessa unidade de paisagem, o acesso público à praia se dá praticamente por meio de corredores, visto que as casas de veraneio ocupam praticamente toda a extensão da orla juntamente com algumas pousadas.

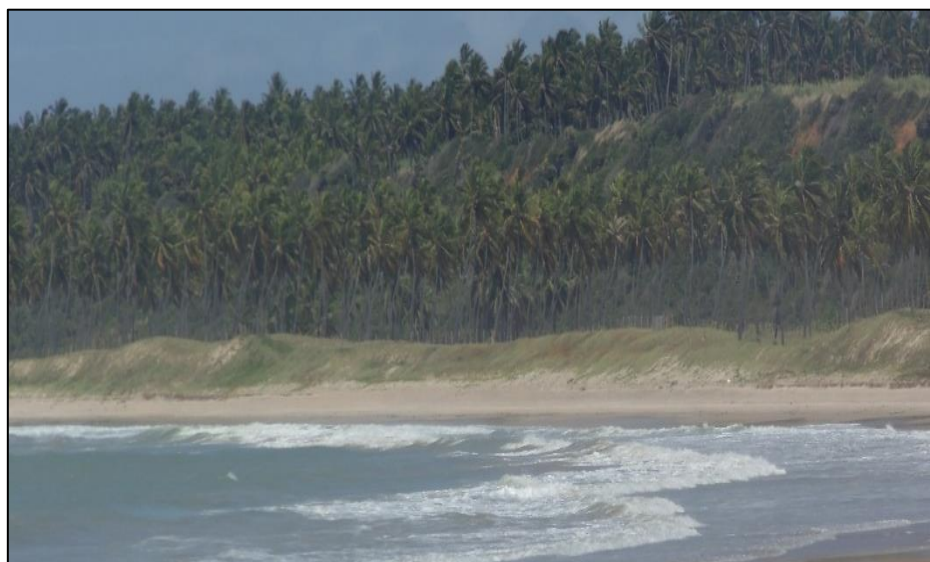
As unidades 3 e 4 do Pontal caracterizam-se enquanto área semiabrigada, pela presença das rochas de arenito paralelo à linha de costa que se encontram em formato ligeiramente linear em direção ao povoado Lagoa do Pau. A unidade 3 está em processo de urbanização, e foram identificadas pousadas e casas de veraneio em distribuição espacial dispersa. Nessa área, são práticas comuns o banho de mar e o surf e localiza-se em uma área mais reservada. Já unidade 4 encontra-se totalmente não urbanizada e não são desenvolvidas práticas recreativas pela presença de rochas areníticas na zona de praia. Em período de maré cheia a faixa de praia fica submersa e está limitada pela presença de falésias do terciário.

Como já foi dito, a orla marítima do povoado Lagoa do Pau foi dividido em duas unidades de paisagem. Ambas apresentam característica físicas de orlas semiabrigadas. Quanto aos indicativos de ocupação territorial, a unidade 1 (Figura 3) caracteriza-se como área não urbanizada, e a unidade 2 apresenta urbanização consolidada (Figura 4). A unidade 1 da Lagoa do Pau é conhecida na comunidade como praia Minha Deusa, e é utilizada por banhistas da comunidade, pescadores e



proprietários das terras do entorno. Porém, o uso desse fragmento da orla não é frequente. A maior parte desta unidade está ocupada por fazendas e nota-se a presença de cerca de arames na linha de Costa. Por sua vez, a unidade 2 inicia-se na praia da Gameleira, abrange a praia da Lagoa do Pau, área que contempla a extensão urbana que originou o povoado, e finaliza na parte denominada pela população local como praia da Mãe Rainha, fazendo jus ao santuário presente nessa parte da orla.

Figura 3: Unidade de Paisagem 1: Lagoa do Pau, Coruripe/AL.



Fonte: Jucileide da Silva Sobreira/2019.

Figura 4: Unidade de paisagem 2: Lagoa do Pau, Coruripe/AL



Fonte: Jucileide da Silva Sobreira/2019.



3 O PAPEL DOS VERANISTAS NA TERRITORIALIZAÇÃO DAS PRAIAS DE CORURIPE

As práticas marítimas tradicionais e modernas se propagam nas praias de Coruripe de forma fragmentada. O uso desses espaços de praia pelo veraneio tem o primeiro registro local na década de 1960, tendo como marco o casarão do Pontal, pertencente a um português que residia em Penedo (SILVA, 2016). Atualmente, o casarão funciona como pousada. As demais casas de veraneio vão surgir com a consolidação da Usina Coruripe, onde os detentores de cargos de prestígios vão escolher o Pontal de Coruripe para fixar residência temporária e para praticar a vilegiatura marítima.

Já o povoado Lagoa do Pau tem sua origem vinculada à pequenos lavradores que trabalhavam com a pesca como uma das principais atividades de subsistência, juntamente com a coleta de coco. Oriundos, principalmente, de outros povoados do próprio município, esses autóctones se aglomeraram por trás do cordão litorâneo e construíram suas residências nas proximidades da capela, antiga área de deposição sedimentar e atual praça do povoado.

Segundo dados coletados nas entrevistas, na Lagoa do Pau, na década de 1950, existiam muito poucas casas, a maior parte construída com palhas de Ouricuri. Nesse período, os moradores eram originários da família Santana, fundadores do povoado. A principal base econômica estava alicerçada na agricultura, com o cultivo da batata, arroz, feijão e mandioca, juntamente com a pesca de tartaruga e o cultivo e a coleta de coco.

Os pescadores do povoado Lagoa do Pau relatam que ao longo do tempo histórico não podiam mais utilizar as terras para o cultivo agrícola, em função da expansão do cultivo da cana pelas usinas de açúcar do município, e por isso a pesca se tornou seu principal meio de subsistência. É válido ressaltar que essa questão da terra incentivou a migração dos trabalhadores rurais para áreas urbanas. Posteriormente, a consolidação da indústria canavieira no município se constituiu um marco importante para a permanência de alguns trabalhadores rurais, para urbanização via segunda residência e para a demanda turística em escala local e regional.

O início da turistificação dos povoados costeiros de Coruripe se dá com a introdução de novos elementos no espaço, ou seja, uma nova territorialização do Pontal de Coruripe e da Lagoa do Pau é levada a cabo principalmente por meio da vilegiatura marítima, mas também pelo setor hoteleiro e dos meios de alimentação, introduzidos lentamente no espaço. No entanto, nota-se uma aceleração a partir da construção de vias que facilitaram a fluidez territorial.

Compreende-se que o principal atrativo para o desenvolvimento da vilegiatura marítima dos lugares estudados foram suas características peculiares: pequenas comunidades tradicionalmente pesqueiras, lugar tranquilo, limpo, natureza preservada, pouco conhecido e frequentado. Não obstante, o setor sucroalcooleiro teve papel fundamental na indução do desenvolvimento da



vilegiatura marítima, sendo os primeiros veranistas aqueles detentores de cargos de prestígios neste setor.

No Pontal de Coruribe, Silva (2016) identifica usineiros, fazendeiros e trabalhadores especializados com altos salários no usufruto, como inquilinos temporários ou proprietários, de casas de veraneio na orla marítima, estabelecendo residências secundárias. Vale registrar que ainda hoje é na rua Arapiraca onde se encontram as residências secundárias associadas às usinas no Pontal.

Já na Lagoa do Pau, onde o fenômeno é mais recente, os primeiros veranistas são detentores de cargos de prestígio social, empresários, médicos, engenheiros de Arapiraca e do próprio município. Arapiraca tem um forte vínculo territorial por meio da segunda residência com as orlas de Coruribe.

A partir das entrevistas e do trabalho desenvolvido por Silva (2016) percebe-se que os turistas e veranistas passaram a frequentar Coruribe no momento de ascensão do turismo na capital alagoana, no final da década de 1970 e início da década de 1980, período no qual ocorre a divulgação do estado de Alagoas através de propagandas, noticiando suas belezas naturais, e também da realização de festivais. Esse momento é marcado pelo fortalecimento das cidades litorâneas, principalmente na propagação de práticas marítimas modernas nas orlas do Nordeste.

Mas a divulgação inicial das praias de Coruribe ocorreu de forma popular. Desbravada por turistas alocêntricos que as indicavam para familiares, amigos e conhecidos, era frequentada principalmente por turistas/vilegiaturistas de cidades próximas, do interior do próprio estado de Alagoas e do estado de Sergipe. Esse período coincide com a propagação dos festivais realizados em Penedo e em Marechal Deodoro, que serviram para divulgar o estado de Alagoas e também as praias de Coruribe.

Inicialmente, o fluxo de veranista se localizou no Pontal de Coruribe, em virtude da propagação das práticas marítimas modernas pelas classes regionais abastadas, fixando residência ou construindo casa de praia, o que foi mais recorrente. Posteriormente, outros proprietários de segunda residência se espalharam pela costa coruripense, principalmente na Lagoa do Pau e nos povoados costeiros de Miaí de Cima e Miaí de Baixo.

A divulgação das orlas de Coruribe ganhou proporções internacionais e tornou-se objeto de especulação para alguns estrangeiros, especificamente no Pontal de Coruribe e no povoado Miaí de Cima. Percebe-se a presença de estrangeiros da Itália, Portugal, Áustria e Alemanha no litoral coruripense.

A italiana entrevistada reforça que as motivações para as visitas dos turistas, desde a década de 1980, foram e ainda são as características inerentes do lugar. Como mostra a entrevistada, que construiu vínculo com o local, nele se fixou e construiu uma pousada, sendo uma das pioneiras nesse setor no Pontal de Coruribe: *“Eu vim como turista, e era um lugar perfeito, primitivo, era exatamente o que eu estava procurando como turista”*. A italiana complementa: *“agora o que me atraiu? Nada*



de plástico, nada de barulho, e é o que a gente procura quando vem da cidade grande”. Essa característica está presente nas demais falas dos estrangeiros entrevistados.

Na década de 1980, a localidade Lagoa do Pau estava em processo inicial de urbanização. A orla marítima possuía em sua extensão barracas de palha de Ouricuri, onde os pescadores guardavam seus materiais de pesca. Na mesma década, após instalação da energia elétrica foi construída a primeira casa de veraneio. Nesse período, o fluxo de veranista no Pontal de Coruripe era frequente, como mostra Silva (2016), ao abordar que os atuais proprietários de algumas pousadas eram veranistas que frequentavam a praia desde a década supracitada. Em meio às localizações dos veranistas, percebe-se que prevalecem pessoas de Arapiraca e do Agreste do estado de Alagoas, nos dois povoados.

A primeira casa de veraneio da Lagoa do Pau ficou conhecida como a casa redonda, fazendo jus ao seu formato, mas atualmente encontra-se fechada. O veranista era empresário e residente da cidade de Arapiraca. Ainda na década de 1980, foi construída outra segunda residência ao lado da casa redonda, que tinha como proprietário um médico do mesmo município. Cabe ressaltar que as duas primeiras casas de veraneio não se localizam exatamente no espaço da orla, e sim nas proximidades do núcleo urbano que originou o povoado.

Com o frequente fluxo de veranistas na década de 1980 para o Pontal de Coruripe, se inicia o processo de desterritorialização dos moradores locais e se introduziu no povoado a valorização imobiliária. No mesmo diapasão, verifica-se motivação dos moradores locais para a construção de bares/cabanas à beira mar para comercialização de alimentos e bebidas.

Na década de 1990 inicia-se o processo de urbanização da orla da Lagoa do Pau por segunda residência, posterior ao surgimento dos bares de praia. A primeira pousada construída foi o Chalé da Dona Branca, na zona de expansão do povoado, localizada no atual Condomínio Rio Lagoa Mar. Posteriormente, foi construída a Pousada Umuarama que é dotada de maior infraestrutura, já na parte próxima aos moradores locais.

Ainda na Lagoa do Pau, a orla encontra-se hoje urbanizada com segunda residência e também se tornou alvo de especulação imobiliária. No entorno do povoado foi construído o loteamento Gameleira, que resultou na construção do Condomínio Rio Lagoa Mar, do Loteamento Canto do Mar e do Loteamento João de Azevedo.

4 A VILEGIATURA E SUAS REPERCUSSÕES AMBIENTAIS E TERRITORIAIS

A maritimidade vai se desenvolver no espaço litorâneo de Coruripe de forma fragmentada. Há registros históricos de relações socioespaciais associadas à vilegiatura concentradas no Pontal e práticas marítimas dispersas no povoado Lagoa do Pau. Mas as bases tradicionais de ambos os



povoados acompanham essas mudanças territoriais, às vezes de forma intensa e às vezes lenta (SOBREIRA, 2019). Nesse sentido, é possível advogar por práticas marítimas tradicionais e modernas, como proposto por Dantas (2010), em sua busca pelos fundamentos de uma geografia do litoral.

Os dois povoados apresentam características peculiares: são pequenas comunidades tradicionalmente pesqueiras que antes da construção da AL-101 Sul permaneciam relativamente isoladas, proporcionando aos veranistas certa exclusividade. Há registros dos primeiros veranistas, inclusive estrangeiros, em busca desse “paraíso tropical” representado por praias relativamente isoladas, de difícil acesso e com cenário paisagístico deslumbrante, nesse caso, o azul piscina do mar e a presença de falésias, recifes de arenito e praias de areia fina que compõem o cenário natural que até hoje é objeto de interesse turístico e de visitação.

A segunda residência também é utilizada para alojamento turístico. Assim, os turistas alugam as casas de veraneio para passar o final de semana, feriados prolongados ou durante o período de verão, a exemplo do ano novo e do carnaval, com o objetivo de usufruir dos atrativos, da beleza e tranquilidade do lugar. Considera-se que a característica nômade do turista e do veranista fazem com que ambos não apresentem vínculos territoriais com o lugar (SANTOS; VILAR, 2018).

O uso das bordas marítimas do Pontal de Coruribe e da Lagoa do Pau estão associadas principalmente às práticas recreativas e ao lazer, assim como às atividades tradicionais da comunidade. As práticas turísticas envolvem os moradores locais, os agentes públicos, os veranistas e os turistas. Os usos e as ações desenvolvidas na orla marítima envolvem diferentes sujeitos que atribuem ao espaço diferentes funcionalidades.

Para a comunidade local a orla marítima é o espaço do cotidiano e da sobrevivência. As atividades econômicas associadas ao turismo contribuem ou se constituem como fontes de renda, como mostra a fala do vendedor ambulante na Lagoa do Pau, ao ser questionado sobre o que mudou em sua vida com o advento do turismo: *“Pra mim mudou porque é quem me traz alguma coisa. Eu alugo mesas e cadeiras, então boto água de coco, refrigerante... A gente vive disso, porque emprego aqui não tem.”*

Por sua vez, para os veranistas é espaço de lazer, de descanso e até de contemplação das praias, dos recifes, do estuário e do oceano. Essas diferentes formas de uso, de entendimento do espaço e a relação social e afetiva com o litoral acarretam em territorialidades variadas e também resultam em conflitos socioambientais, igualmente diversos e até críticos, variando no tempo e no espaço.

A manifestação territorial da segunda residência do Pontal de Coruribe é mais antiga, se mescla entre residências de muros altos e baixos ou até sem muros, e se territorializa nas proximidades do mar, caracterizando uma diferenciação arquitetônica entre as residências dos veranistas e moradores permanentes. E expressa a relação de poder e dominação dessa parte do território,



principalmente ao “afastar” a comunidade para áreas periféricas e tornar as bordas marítimas praticamente exclusivas para segunda residência.

Na Lagoa do Pau, a segunda residência também provoca diferenciação espacial em termos arquitetônicos, e o espaço produzido pela vilegiatura marítima encontra-se afastado dos autóctones, bem no início da unidade de paisagem 2, produzindo território exclusivo para a segunda residência, o que representa distinção espacial, elitização e evidente auto segregação.

O aumento do fluxo de veranista tem um caráter dual em termos de impactos sobre o espaço litorâneo de Coruripe, podendo afetar negativa e positivamente o território. Nessa perspectiva, nota-se que os aspectos negativos do fluxo de veranistas são responsáveis pelas seguintes repercussões socioambientais e ou paisagísticos: disposição inadequada dos resíduos sólidos, esgotamento sanitário in natura nos corpos hídricos, perturbação do sossego, aumento no índice de violência, problemas no abastecimento de água e de energia elétrica, principalmente no verão, e ocupação irregular. Em contraponto, as práticas turísticas associadas à vilegiatura marítima também trazem impactos positivos para a comunidade, principalmente a partir do emprego e renda e dos serviços de infraestrutura.

No Pontal de Coruripe houve uma descaracterização ambiental mais acentuada se comparado ao povoado Lagoa do Pau, já que neste último o fenômeno da vilegiatura marítima é mais recente. No Pontal de Coruripe se registram mudanças paisagísticas que resultam em manifestações de segregação socioespacial. Com o desenvolvimento do veraneio a extensão da orla foi sendo urbanizada por segunda residência, desterritorializando a comunidade e reterritorializando-a em áreas periféricas. Esse processo não ocorre na Lagoa do Pau, uma vez que os autóctones permanecem em seus locais de origem e a vilegiatura marítima desenvolve-se nas proximidades do mar, afastada do núcleo urbano ocupando o espaço vazio no entorno do povoado.

Outra mudança socioespacial resultante do uso da borda marítima e das práticas de veraneio nos dois povoados é a produção de resíduos sólidos, principalmente os domiciliares (RSD) e de construção civil (RCC), dispostos nas ruas e nas praias. Os entrevistados, tanto na Lagoa do Pau, quanto no Pontal, atribuem esse cenário paisagístico como inadequado para as práticas turística e para o meio ambiente como um todo. Na visão do entrevistado da comunidade: *“O povo não tem educação não, o carro de lixo passa todo dia e o povo ainda joga o lixo na rua”*. O problema persiste no tocante à visão acerca dos visitantes temporários: *“Esse povo que vem de fora e não recolhe seu lixo e nem procura as lixeiras, jogam tudo na praia, aí o rapaz que faz a limpeza só vai limpar amanhã de manhã”*. As pousadas também contribuem para a produção dos resíduos na praia: *“Tão jogando peixe inteiro, cabeça de camarão, pneu, sacola de lixo (as pousadas...) principalmente período de inverno* (Entrevistado morador da comunidade).



O recolhimento dos resíduos sólidos ocorre todos os dias, no entanto a produção de lixo é superior à demanda de limpeza, e mesmo nos dias de semana e período de baixa temporada identifica-se resíduos dispostos nas orlas, o que evidencia a precariedade dos serviços públicos e a necessidade de campanhas de Educação Ambiental (EA) para reverter essa situação.

O esgotamento sanitário manifesta-se territorialmente enquanto entrave para a gestão municipal, pois as vias de acesso às praias apresentam esgotamento a céu aberto. Nas entrevistas com os moradores identifica-se que 100% do esgotamento sanitário são por fossa séptica, os recolhimentos dos dejetos não ocorrem com frequência e em decorrência, as fossas transbordam para as ruas dos povoados, cuja situação se agrava com o encanamento inadequado.

Com o aumento do fluxo de veranistas e turistas nas casas de praia foi registrado também aumento da poluição sonora, que perturba a paz dos habitantes locais, problema presente nas falas dos moradores entrevistados. Na Lagoa do Pau o barulho produzido nos finais de semana localiza-se na praça do povoado, nos bares e no entorno da igreja, fato que incomoda a população residente. Igualmente, o índice de assaltos tem aumentado e se verifica ausência de policiamento e inexistência de posto policial em ambos os povoados, o que se configura como um entrave para as comunidades, para os veranistas e para os turistas de Coruripe.

Os serviços de abastecimento de água e a falta de energia, segundo dados coletados em campo, se apresentam como outros dos graves problemas locais, na visão dos veranistas e moradores. A qualidade dos serviços não atende à demanda, tornando-se frequentes a falta de água e queda de energia elétrica. A fala da veranista do Pontal de Coruripe ilustra bem essa situação: *“Aqui quando falta água, também falta energia, e isso é direto, principalmente quanto tem muita gente por aqui.”* Em igual medida, a ausência de iluminação nas orlas, como mostra a fala de outra veranista entrevistada, é um problema persistente: *“Tá sem luz nenhuma no farol, tá tudo escuro”*. Esse problema também foi identificado na Lagoa do Pau.

As ocupações irregulares também ocasionam problemas e repercussões territoriais na orla marítima. A crescente urbanização que se despontou nos povoados vem ocupando o cordão litorâneo, e tem-se a presença de segunda residência, meios de hospedagens e de alimentação em terrenos da União. Com destaque para os bares/cabanas à beira mar na Lagoa do Pau, que vem passando por conflitos com o SPU (Secretaria de Patrimônio da União) e o IMA (Instituto de Meio Ambiente - Alagoas). Os bares/cabanas da Lagoa do Pau estão em funcionamento há quase trinta anos, perpassando de geração em geração.

Em meio as reivindicações dos proprietários, a Prefeitura de Coruripe defende que a gestão da orla marítima pode intervir na situação de conflito na Lagoa do Pau, embora a Prefeitura não possa conceder a escritura do terreno e as licenças ambientais exigidas pelo IMA para sanar o conflito. A SPU estabelece pré-requisitos para a gestão municipal das orlas no Brasil, podendo ocorrer de forma



compartilhada. Em contrapartida, e aí reside um enorme desafio, as Prefeituras dos municípios costeiros precisam manter a equidade ambiental, social e econômica a partir dos princípios estabelecidos no Projeto de Gestão Integrada da Orla Marítima para toda a costa brasileira.

Corroborando com o apoio da Prefeitura Municipal de Coruripe, os comerciantes da orla estão traçando estratégias para a contenção do conflito com o IMA. Acredita-se que a organização em forma de associação pode ser uma medida a solucionar o conflito, embora não seja garantia de sucesso, de gestão sustentável.

As práticas turísticas também trazem impactos positivos para a comunidade. Em termos de alterações na infraestrutura dos espaços receptores identifica-se construções de melhores acessos às praias, como a pavimentação das vias. A partir do espaço produzido pela vilegiatura, cresce a construção de vias que interligam os dois povoados, o que favorece a fluidez espacial e beneficia a população local, os turistas e também os vilegiaturistas.

Embora Coruripe como um todo ainda apresente dificuldades estruturais para receber um fluxo maior de visitantes, o fenômeno turístico se apresenta como importante atividade para os dois povoados. Consta-se, a partir das entrevistas, que as pousadas e os bares e restaurantes tem expressividade na economia local, ao formar seus quadros de funcionários com moradores, somando-se aos vendedores ambulantes aos finais de semana, feriado e período de alta temporada, e às segundas residências, que contratam caseiros, diaristas e churrasqueiros.

Assim, uma das características positivas é o aumento do emprego e renda para os autóctones. Contudo, uma vendedora ambulante que passou parte de sua juventude sendo caseira na Lagoa do Pau, ressalta que o emprego gerado pela segunda residência atualmente não é mais atrativo para os moradores, e os vilegiaturistas tem contratado poucos caseiros: *“Eles querem pagar muito pouco, não vale a pena ficar tomando conta da casa de ninguém, ainda mais depois dos arrombamentos de algumas casas aqui. Mas eles me contratam pra limpar a casa de vez em quando, as vezes eu vou, as vezes não vou, mas quando não vou, arrumo outra pessoa.”* A entrevistada faz menção a assaltos que ocorreram em algumas casas de segunda residência, as que se localizam fora de condomínio.

Quanto aos aspectos paisagísticos, nota-se que as características originais do lugar resistem, principalmente no Pontal de Coruripe. No que tange a atividade pesqueira a comunidade resguarda suas características tradicionais. Mas na Lagoa do Pau a pesca aos poucos está perdendo sua expressividade, assim como a cultura do artesanato da folha de Ouricuri. A pesca não é mais atrativa para os jovens da Lagoa do Pau, porque os mesmos buscam desenvolver outras atividades, como serviços e construção civil, e/ou migram para outros locais. Segundo os entrevistados, a associação das Artesãs da Lagoa do Pau está diminuindo o quantitativo de associadas, considerando a potencialidade limitada dessa atividade econômica, já que a comercialização no povoado não é expressiva.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal responsável pelas alterações espaciais e paisagísticas nas praias de Coruribe tem sido a vilegiatura marítima, uma vez que os demais objetos introduzidos no espaço receptor tem função secundária na produção do espaço atual. É preciso considerar também que os serviços da hotelaria e meios de alimentação vão se desenvolver através da crescente ascensão das segundas residências e das poucas iniciativas de ordenamento territorial por parte dos órgãos competentes.

São vários os fatores que contribuíram para o desenvolvimento da segunda residência na orla de Coruribe, a saber: o processo de valorização das praias que culmina nas práticas marítimas modernas e no desejo de morar à beira mar; a imitação por capilaridade, uma vez que a classe abastarda alagoana fixou residência temporária no Pontal de Coruribe, principalmente os usineiros; a divulgação e promoção dos atrativos turísticos do estado, destacando suas belezas naturais, que facilitou a “descoberta” das praias de Coruribe; e as características rústicas do lugar, que atraem turistas alocêntricos.

A produção do espaço pela segunda residência ocorreu de forma diferenciada nos dois locais estudados. No Pontal de Coruribe, o veraneio se desenvolveu no momento de acessão das práticas marítimas modernas no Nordeste do Brasil, período no qual a divulgação do estado de Alagoas ganha proporções até internacionais. Na Lagoa do Pau, a urbanização por segunda residência vai ocorrer posteriormente, seu início data da década de 1980.

Os usineiros vão escolher as bordas marítimas do Pontal de Coruribe para usufruto da segunda residência e práticas de veraneio. Esse fato tem importante significância para expansão urbana, especulação imobiliária e para a concentração de investimentos no povoado, se comparado às demais localidades costeiras de Coruribe. É importante levar em conta que as práticas turísticas desde os primórdios se desenvolveram por imitação, ou seja, a concentração de uma camada social com maior poder aquisitivo foi atraindo outros veranistas.

Assim, diferentes sujeitos passam a usar a orla marítima, comunidade litorânea, turistas e veranistas, e atribuem ao espaço diferentes funcionalidades. Para o primeiro grupo, espaço de morada e onde se desenvolvem práticas de subsistência. Para os demais, representam possibilidade de recreação, lazer e descanso, manifestação de maior poder aquisitivo e em certo sentido de um estilo de vida elitizado.

No Pontal, percebe-se que a expansão das segundas residências desterritorializou a comunidade local das bordas marítimas, mas não suplantou suas características tradicionais. O povoado passou por alterações paisagísticas com a construção da orla e do muro de contenção marinha para proteger as casas de veraneio e as pousadas, e com a construção do terminal turístico.



Se comparado às demais praias de Coruripe, o Pontal também possui um símbolo de *marketing* mais expressivo e atrai um perfil de turista diferente das demais praias, ou seja, com maior poder aquisitivo.

Já na Lagoa do Pau, a vilegiatura marítima se expandiu em áreas não urbanizadas, e atualmente há uma crescente valorização imobiliária no espaço receptor, expressa pela presença de vários loteamentos.

A vilegiatura nas praias de Pontal de Coruripe e na Lagoa do Pau foi acompanhada de mudanças paisagísticas e alterações espaciais às vezes significativas, às vezes inexpressivas, mas ambas com reflexo nos modos de vida da população local e na base física que sustenta a geografia das praias. Os conflitos ambientais e territoriais também são expressões da vilegiatura marítima em seu constante movimento.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tereza Cristina Medeiros de; SANTOS, Rochana Campos de Andrade Lima; SEOANE, José Carlos Sícoli; MANZO, Valdir do Amaral Vaz. Alagoas. In: MUEHE, Dieter. (Org.). **Erosão e Progradação do Litoral Brasileiro**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006, p. 197-212.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

DANTAS, E. W. C. **Maritimidade nos Trópicos**: Por uma geografia do litoral. 2ª edição, Fortaleza: UFC, 2010.

MASCARENHAS, J. de C. BELTRÃO, B. A; SOUZA JUNIOR, L. C. de. Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea Estado de Alagoas. In: CPRM-PRODEEM. **Diagnóstico do Município de Coruripe**. Recife – PE, CPRM- Serviço Geológico do Brasil, 2005.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Projeto Orla**: fundamentos para gestão integrada. Ministério do Meio Ambiente, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MMA). Brasília: 2006. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br>> Acesso: 20 de junho de 2017.

O'DONNELL, Julia. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **A urbanização vai à praia**: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

SANTOS, Priscila Pereira. **Entre a casa de praia e o imobiliário-turístico**: a segunda residência no Litoral sergipano. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Geografia. São Cristóvão, 2015.

SANTOS, Priscila Pereira; VILAR, José Wellington Carvalho. A territorialização da segunda residência no litoral de Sergipe (Brasil). **Revista de Geografia** (Recife) V. 35, Nº 3, 2018.

SILVA, Priscylla Maria Ferreira da. Ciclo de vida da área turística: o caso do Pontal de Coruripe-AL. Dissertação (**Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado**) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió. 2016.



SOBREIRA, Jucileide da Silva. Usos e práticas turísticas na orla marítima de Coruripe/AL. Dissertação (**Mestrado em Geografia**) - Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Geografia – São Cristóvão, SE, 2019.